



INTERCÂMBIO

“Em nome do Pai...”: análise do trabalho religioso de sacerdotes em Minas Gerais

“In the name of the Father...”: analysis of the religious work of priests in Minas Gerais

Alessandro Gomes Enoque*
Lorrana Laila Silva de Almeida**

Resumen: Este artigo tem como objetivo principal compreender como se configura o trabalho religioso de sacerdotes (padres) de igrejas católicas de uma cidade localizada no Estado de Minas Gerais. Para tanto, foi adotada a abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva. Os instrumentos para a coleta dos dados compreenderam entrevistas semiestruturadas, conduzidas por meio de um roteiro, sendo gravadas e transcritas para análise. A técnica utilizada para a análise dos dados foi a da análise de discurso. Pôde-se observar que a atividade laboral do padre nasce a partir de um chamado vocacional que é trabalhado em uma formação pautada em cinco eixos principais: acadêmico, intelectual, espiritual, humano-afetivo e comunitário. Observa-se uma rotina árdua/cansativa de atividade sacerdotal e, embora não seja uma profissão perigosa/insalubre, parece haver um consenso na medida em que os padres podem sofrer uma série de danos de natureza física e/ou mental.

Palavras-chave: Trabalho religioso. Religião. Sacerdote. Vocação. Catolicismo.

Abstract: This article has the main objective to understand how the religious work of priests (priests) of Catholic churches of a city in the state of Minas Gerais is configured. The qualitative approach was adopted based on field, exploratory, and descriptive research. The instruments for data collection comprised semi-structured interviews conducted through a script, being recorded and transcribed for analysis. The technique used for data analysis was discourse analysis. As a result, it was possible to observe that the work of the priest is born from a vocational call that is worked on a formation based on five main axes: academic, intellectual, spiritual, human-affective, and communitarian. Na arduous/tiresome routine of priestly activity is observed, and, although not a dangerous/unhealthy profession, there seems to be a consensus as priests may suffer several damages of a physical and/or mental nature.

Keywords: Religious work. Religion. Priest. Vocation. Catholicism.

Introdução

O lançamento de um olhar sobre o campo religioso brasileiro, especialmente no tocante às relações de trabalho inseridas nele, passa, necessariamente, pela assunção

* Professor do PPG em Geografia do Pontal na UFU (Uberlândia-MG). Doutor em Ciências Humanas (UFMG, Belo Horizonte-MG). ORCID: 0000-0002-1766-0684. Contato: alessandroenoque@gmail.com

** Doutoranda em Administração (UFG, Goiânia-GO). Professora substituta da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da UFG (Goiânia-GO). ORCID: 0000-0003-3462-7445. Contato: lorranalailaalmeida@gmail.com

de alguns pressupostos teóricos que, a nosso ver, são extremamente importantes para a discussão a ser empreendida no âmbito deste artigo. Inicialmente, convém destacar que, para fins deste estudo, compreendemos campo (especialmente o campo religioso) em termos bourdieusianos (Catani et al., 2017; Jourdain; Naulin, 2017) como sendo uma esfera da vida social que, graças a um processo de divisão do mundo do trabalho, tornou-se autônoma. Tal esfera, possuidora de uma lógica própria de funcionamento, com regras e desafios específicos, estaria estruturada em posições ocupadas por diferentes agentes que concorreriam entre si pela obtenção ou manutenção de uma capital específico e seriam guiadas por um determinado habitus.

Ao tratar especificamente da lógica de funcionamento do campo religioso, Bourdieu (1987) aponta duas fontes internas de tensão, quais sejam, uma que oporia os agentes especializados em relação à autoprodução dos leigos e a outra que oporia os agentes especializados entre si no atendimento às demandas leigas. As fronteiras do campo religioso seriam edificadas, portanto, nas diversas distinções simbólicas entre o monopólio do saber sagrado e da ignorância profana, bem como no combate a toda produção religiosa de autoconsumo. Além disso, segundo uma lógica de mercado, as religiões dominantes tenderiam a impedir a entrada de novas empresas de salvação concorrentes, esforçando-se para preservar o capital de controle do acesso aos meios de produção, reprodução e distribuição dos meios de salvação.

No caso brasileiro, em especial, fundamentalmente diverso e complexo, Sanchis (2018) aponta que, apesar de uma realidade de transformação que caminha em direção ao fim da hegemonia (ou do quase monopólio) católica, a grande maioria da população (cerca de 64,6 % de acordo com o Censo Populacional de 2010) ainda se autodeclara como sendo participante desta religião.

Há que se destacar, no entanto, que essa Igreja, compreendida como um empreendimento econômico que se denega como tal, manifesta-se enquanto recusadora das relações de trabalho (manifestada, por exemplo, no uso maciço do voluntariado), das relações de produção e exploração (eufemizados através da metáfora da família), bem como das relações de consumo (observado, por exemplo, na lógica do tabu da explicitação e da troca de dádivas). Além disto, o autor aponta, em sua análise, que as tarefas sagradas seriam irreduzíveis a uma codificação de natureza econômica e social. Assim, o agente religioso não exerceria um "ofício", mas, sim, um serviço de natureza divina.

É importante ressaltar, ainda, que compreendemos, para fins deste artigo, o conceito de trabalho, em geral, e de trabalho religioso em específico, à luz da obra bourdieusiana (Bourdieu, 1987; 1996; 2009; 2010; 2012; 2015; 2019).

A partir do exposto, o objetivo deste estudo, de natureza essencialmente qualitativa, consiste em analisar as configurações do trabalho religioso de sacerdotes (padres) de igrejas católicas de uma cidade localizada no Estado de Minas Gerais.

Fundamentação teórica

De acordo com Grun (2017), a preocupação de Bourdieu com a categoria trabalho apresentou-se, inicialmente, em seus primeiros escritos acerca da realidade

argelina. Naquele momento, o termo revelava dois enfoques divergentes. Em um primeiro sentido, o sociólogo francês buscava compreender o trabalho do camponês em suas comunidades agrícolas (naquele momento, ainda não incorporadas ao universo capitalista), que se guiava por uma lógica tradicional de observância dos ciclos da natureza (Bourdieu, 2012). A outra perspectiva, um pouco mais próxima da abordagem marxista, que considera o trabalho enquanto "labuta" e estabelecido na relação entre o ser humano e a natureza, focava nas experiências do subproletariado argelino (desenraizado de sua condição econômica e social original) nas incipientes fábricas localizadas nas cidades coloniais.

Os escritos bourdieusianos mais contemporâneos acerca da temática do trabalho tendem a mediá-lo através de uma dupla verdade. Na verdade material do conceito de trabalho, a relação estabelecida entre os agentes (empregador e empregado), formalmente pactuada através de um contrato "aparentemente entre iguais", é puramente comercial e denota uma realidade objetiva de exploração econômica. Já no que diz respeito à segunda verdade, o trabalho configura-se como sendo uma vivência subjetiva da situação laboral. De acordo com o autor, a ela corresponderia a experiência cotidiana, na qual todos os indivíduos investiriam diversas libidos nas esferas relacional, cultural e identitária.

Embora a sociologia do trabalho bourdieusiana se configure como um área extremamente profícua, estamos interessados aqui, neste artigo, mais pormenorizadamente na compreensão deste conceito a luz do campo religioso. Conforme Oliveira (2003, p. 102), amparado em Bourdieu,

[...] há trabalho religioso quando seres humanos produzem e objetivam práticas ou discursos revestidos de sagrado, e assim atendem a uma necessidade de expressão de um grupo ou classe social. Enquanto a experiência mística e a especulação permanecem na esfera subjetiva, o trabalho religioso só se completa quando as crenças e práticas sugeridas por alguém socializam-se como crenças e práticas de um grupo, por pequeno que seja.

Haveria, por assim dizer, uma certa autonomia do campo religioso (fruto da divisão social do trabalho material e imaterial) e, por consequência, de seus especialistas, no sentido de que os mesmos seriam os detentores exclusivos de uma competência específica necessária à produção ou à reprodução de um conjunto de conhecimentos deliberadamente organizados e, porque não dizer, secretos (para a grande maioria da população). Nas palavras de Bourdieu (2005, p. 39), a constituição de um campo religioso traz consigo um movimento de "[...] desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos [...] destituídos do capital religioso".

A oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, objetivamente definidos como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado, constitui a base do princípio da oposição entre o sagrado e o profano e, paralelamente, entre a manipulação legítima (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria) do sagrado, quer se trate de uma profanação objetiva (ou seja, a magia ou a feitiçaria como religião dominada), quer se trate da profanação intencional (a magia como anti-religião ou religião invertida). (Bourdieu, 2005, p. 43).

Conforme Oliveira (2003), Bourdieu utiliza, em sua análise do campo religioso, uma tipologia weberiana que distingue os agentes religiosos em três: sacerdotes, profetas e magos. Para o sociólogo francês, o sacerdote (elemento central deste trabalho) seria o agente da religião estabelecida (que, no caso de Bourdieu, seria a católica) que reproduz e pereniza um sistema de crenças e ritos sagrados, aproximando-o do social, de forma que a religião seja incorporada a cada membro dessa sociedade e torne-se um hábito inquestionável. O sacerdote seria, assim, um agente religioso marcado pela rotina dos ritos e das crenças, predisposto a atuar em defesa da ordem simbólica e social (em contraposição ao novo ou ao que não é lícito).

De acordo com Bourdieu (2005), a lógica de funcionamento da igreja, a prática sacerdotal, bem como a forma e o conteúdo da mensagem que ela impõe e inculca, seriam a resultante de uma ação coordenada de coerções internas (inerentes ao funcionamento de uma burocracia que reivindica o monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens da salvação) e forças externas historicamente mutáveis. Ainda de acordo com o autor, as coerções internas surgiriam através do que ele denomina o "imperativo da economia do carisma", qual seja, aquela que deseja confiar

[...] o exercício do sacerdócio, atividade necessariamente banal por ser cotidiana e repetitiva, a funcionários intercambiáveis do culto e dotados de uma qualificação profissional homogênea adquirida por um processo de aprendizagem específica, e aparelhados com instrumentos homogêneos capazes de possibilitar uma ação homogênea e homogeneizante. (Bourdieu, 2005, p. 66-67).

É importante dizer, neste ponto, conforme Bourdieu (1996), que a moderna empresa religiosa, notadamente a igreja católica, fundada na recusa do econômico, estaria mergulhada, para o autor, em um universo onde as trocas monetárias, bem como a procura de maximização do lucro, seriam elementos correntes das práticas cotidianas de qualquer agente. Neste sentido, mesmo os agentes religiosos tenderiam a avaliar, em dinheiro e mesmo que implicitamente, o valor de seu trabalho e de seu tempo. Ao mesmo tempo, parece haver uma recusa do trabalho religioso como sendo um trabalho serviçal (puramente comercial) e uma aproximação do que poderíamos apontar como sendo um componente vocacional do ofício do sacerdócio.

Assim, quando o sindicato de agentes laicos da igreja tentou definir as profissões que representava, enfrentou a definição implícita dessas profissões, defendidas pelos empregadores (isto é, os bispos que, evidentemente, recusam essa designação). As tarefas sagradas são irredutíveis a uma codificação puramente econômica e social: o sacristão não exerce um ofício; ele realiza um serviço divino. (Bourdieu, 1996, p. 186).

Ainda para o autor, essa dupla verdade da empresa religiosa também poderia ser observada no âmbito do discurso religioso que, a todo momento, utiliza-se desta dicotomia: apostolado/marketing, fiéis/clientes, serviço sagrado/trabalho assalariado, etc.

Além da prestação gratuita de trabalho e serviços, a empresa religiosa parece ser sempre concebida como sendo uma grande família. Neste sentido, as relações de produção funcionariam de acordo com o modelo das relações familiares. Nas palavras de Bourdieu (1996, p. 188),

As instituições religiosas trabalham permanentemente, tanto na prática como simbolicamente, para eufemizar as relações sociais, aí incluídas as relações de exploração (como na família), transfigurando-as em relações de parentesco espiritual ou de troca religiosa, através da lógica da benemerência: a parte dos assalariados, dos agentes religiosos subalternos encarregados, por exemplo, da limpeza das igrejas ou da manutenção e decoração dos altares, há uma dádiva de trabalho, oferenda livremente dada de dinheiro e de tempo.

Essa realidade denota, segundo Bourdieu (1996), um contexto que recusa as relações de trabalho (manifestada, por exemplo, no uso maciço do voluntariado), bem como as relações de produção e exploração (eufemizados através da metáfora da família). Ainda de acordo com o autor, a exploração do trabalho seria auxiliada e facilitada pela ambiguidade objetiva das tarefas sagradas. Assim, parece se configurar uma realidade na qual o trabalho religioso gasta uma considerável energia no sentido de converter a atividade de dimensão econômica em tarefa sagrada. Neste sentido, a verdade econômica deve ser escondida, ativa ou passivamente, ou, até mesmo, deixada vaga pela empresa religiosa e seus sacerdotes.

Esse trabalho de negação, de acordo com Bourdieu (1996), somente poderia ter êxito na medida em que se configura como coletivo e amparado por um habitus daqueles que o põe em prática. De acordo com o autor,

[...] essas disposições comuns, e a doxa compartilhada que elas fundamentam, são produto de uma socialização idêntica ou semelhante, que leva à incorporação generalizada das estruturas do mercado de bens simbólicos sob a forma de estruturas cognitivas em consonância com as estruturas objetivas deste mercado. (Bourdieu, 1996, p. 194).

Assim, a construção desse habitus, aliada a uma estrutura burocrática que oprime de maneira autoritária, impõe ao sujeito (sacerdote), não tão somente seus comportamentos, mas, também, seus modos de vestir e se relacionar. Essa violência simbólica, "[...] quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação" (Bourdieu, 2010, p. 22) parece, em certo sentido, ser implícita ao trabalho de sacerdotes na moderna empresa religiosa.

Procedimentos metodológicos

Este estudo teve como objetivo geral analisar como se configura o trabalho religioso de sacerdotes (padres) de igrejas católicas de uma cidade localizada no Estado de Minas Gerais. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem de natureza qualitativa, que possibilita ao pesquisador compreensões mais intensas do público analisado, uma vez que permite identificar especificidades do comportamento humano (Marconi; Lakatos, 2011).

Assim posto, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva. No que tange aos instrumentos utilizados para a coleta dos dados, estes compreenderam entrevistas semiestruturadas, conduzidas por meio de um roteiro, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas para análise. A determinação pela escolha das entrevistas justifica-se pelo fato de ser um respeitável instrumento utilizado em diversos

campos sociais, sendo assim considerado por Marconi e Lakatos (2007, p. 198), como um “instrumento por excelência da investigação social” e, também, por tornar possível a captação da informação necessária para a análise do objeto investigado.

Para alcançar o objetivo estabelecido neste estudo, foram realizadas um total de seis entrevistas com sacerdotes (padres) atuantes em igrejas católicas, sendo que as mesmas foram aplicadas no período entre abril e maio do ano de 2019. Por sua vez, para a apresentação dos resultados do estudo, os participantes entrevistados serão referidos como Entrevistado 01, Entrevistado 02, Entrevistado 03, Entrevistado 04, Entrevistado 05 e Entrevistado 06.

No tocante à técnica utilizada para a análise dos dados, esta compreende a análise de discurso de inspiração francesa que, nas menções de Caregnato e Mutti (2006, p. 680), é uma técnica que se preocupa “com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o *corpus* da análise de discurso é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem”.

Análise e discussão dos dados

As seleções lexicais do fragmento discursivo (001) apresentam, explicitamente, os temas da vocação religiosa do sujeito-enunciador para se tornar padre, bem como o dom para o trabalho sacerdotal como um elemento colocado diretamente pelo divino. Há, ainda, no mesmo fragmento, pelo menos três personagens, sendo que dois deles são explícitos (Deus e o padre já adulto) e um implícito (a criança). Pôde-se inferir, a partir do exposto, que a vocação para o sacerdócio ocorre, na maioria das vezes, quando o indivíduo ainda encontra-se em seus primeiros anos de vida e, conforme o fragmento discursivo (002), ocorre por influência direta da família (em um primeiro momento) e/ou da igreja (em seguida).

Essa vocação, algumas vezes materializada em situações lúdicas (como nas brincadeiras infantis expostas em ambos os fragmentos), parece, em certo sentido, não passar despercebida para o grupo social mais próximo do indivíduo (família e amigos) que, a princípio, atua como um elemento importante na entrada e na permanência do futuro padre na carreira religiosa. Há que se destacar, no entanto, e conforme pode ser observado na seleção lexical do fragmento discursivo (002), a possibilidade de que a vocação religiosa nasça no indivíduo em um período posterior ao da adolescência, que, segundo o próprio entrevistado, seria um momento marcado pela “rebeldia” e, por que não dizer, de um certo afastamento da Igreja.

O fato é que a vocação religiosa aparece no escopo das entrevistas ou como derivada de um presente ou de um desígnio de Deus ou pela construção de uma certa vivência do indivíduo com a própria Igreja. É interessante notar que, neste último caso, a vocação religiosa parece originar-se do exercício de uma práxis que é obtida a partir da vivência em determinadas “funções religiosas” (coroinha, por exemplo), do cumprimento de “etapas” de formação (crisma, eucaristia), bem como do experimentar espaços (templo) e situações rituais (missas, casamentos, batismos, etc.).

(001) *desde quando eu me entendo por gente eu me entendo querendo ser padre. Tenho a certeza que foi algo colocado em minha vida por Deus [...]* (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

(002) *eu sempre fui uma criança que caminhou próximo à Igreja, pela minha família, [...] isso influenciou [...] eu cresci dentro da igreja junto com ela [...] comecei a fazer a eucaristia, primeira comunhão [...] eu me lembro [...] quando criança que [...] brincavam assim “ah o (...) vai ser padre” [...] Então, tipo assim, é aquela confusão de criança, né [...] daí passei acho que por um tempo da adolescência, por volta dos 15 e 16 anos naquela rebeldia quando eu me lembro assim de não frequentar tanto, depois com 17 eu voltei pra fazer a crisma e depois não sai mais [...] com 19 eu entendi que eu não tinha outro caminho senão ser padre [...] uma coisa é só a gente ir na igreja, outra coisa é a gente participar, então nesse participar eu me encantei e entendi que eu seria feliz dessa forma, sendo padre [...]*. (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

Embora a vocação religiosa possa parecer, em princípio, um processo com certa ausência de dificuldades ou, até mesmo, de angústias, o tornar-se padre marca profundamente a vida do indivíduo. Conforme pode ser observado na seleção lexical do fragmento discursivo (003), essa mudança que, em certo sentido, se constitui, em princípio, enquanto um abandonar da vida e do convívio familiar, acarreta, no futuro padre, sentimentos de insegurança e, por que não dizer, de angústia.

(003) *quando chega a ir, a gente tem um pouco de crise, deixar o pai, a mãe, a família, deixar o trabalho [...]* há um pouco de insegurança, mesmo fazendo um processo de dois anos, dias antes da mudança, dá uma certa insegurança. (Entrevistado 05, entrevista pessoal, 2019).

O processo de formação do padre parece ter, como elemento norteador principal, a existência ou não da vocação para o sacerdócio. De acordo com a seleção lexical do fragmento discursivo (004), é a partir dela, fruto de um "chamado" ou de uma experiência vivida e/ou percebida com o divino, que o processo se inicia. A partir daí, durante a realização de encontros vocacionais em que ocorrem palestras e conversas com o bispo (e auxiliares), é que a vocação do candidato a padre vai ser avaliada e, caso tenha sucesso, ratificada. É interessante notar, neste último ponto, a existência de um "período de experiência" (em uma casa de padres) em que o candidato a padre continuará sendo avaliado em termos de sua vocação para o sacerdócio. Acrescente-se a isso uma formação de nível educacional médio (segundo grau completo) e superior (normalmente, em filosofia), além de um "estágio" junto a determinada paróquia. Superada essa fase, o candidato a sacerdote pode ver interrompida a sua formação caso não a deseje mais ou por não confirmar sua vocação. Ao ultrapassar esse limite, o futuro sacerdote inicia sua formação de natureza teológica.

(004) *Para padre, [...] primeiro tem que ter a vocação [...] Sentir que Deus está chamando ele [...] a partir do chamado ele faz alguns encontros [...] vocacionais que acontecem anualmente [...] lá tem palestra [...] conversa com o bispo, palestra motivacional e se o promotor vocacional ou o bispo sentir que esse candidato tem a vocação [...] ele é convidado à experiência de um ano pra fazer [...] ele vai ficar ali numa casa de padres [...] Se o candidato não terminou o 2º grau ele vai estudar pra poder terminar o 2º grau porque tem que ter o 2º grau completo. E quando ele terminar [...] ele vai passar por esse âmbito formativo que é o corpo de formação, [...] ele vai continuar e vai ser mandado pra filosofia [...] todo o processo, [...] formação religiosa, pastoral onde vai trabalhar no final das férias, ele vai pra paróquia, ficar ali com o padre, trabalhando ali com o padre [...] Depois que ele terminou o curso de filosofia se ele continuar ele vai*

ser convidado a deixar, a ir embora, ele pode querer não mais continuar também. Ele pode querer não continuar ou o corpo docente achar que ele não tem vocação. Se ele passar pra próxima etapa é a da teologia [...] faz todo caminho, tudo documentado, carta, entrevista [...] (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

Conforme pode ser visto no fragmento discursivo (005), essa formação buscaria o desenvolvimento de, pelo menos, cinco dimensões fundamentais para o exercício do sacerdócio: acadêmica, intelectual, espiritual, humano-afetiva e comunitária. É interessante notar que tais competências, de alguma forma, aproximam-se daquelas normalmente associadas a atividades no setor capitalista de serviços (cognitiva, relacional e emocional). Vê-se, a partir disso, que haveria uma estratégia deliberada de formação que aproximaria a profissão de padre a uma lógica mais contemporânea de lidar com o laicato.

(005) Eu fiz duas faculdades [...] pra que a gente seja padre nós temos um aspecto formativo que trabalha com 5 dimensões [...] são cinco... acadêmica, intelectual, pastoral, espiritual, humano-afetiva e comunitária [...] (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

Conforme pode ser observado no fragmento discursivo (006), o sujeito-enunciador aponta, explicitamente, uma rotina de atividades e horários que perpassa toda a vivência do candidato a padre no espaço do seminário. Um primeiro elemento que chama a atenção diz respeito ao fato de que todas as atividades guardam, em si, um horário bem definido de realização. Tal fato nos remete, fundamentalmente, à tentativa de criação de uma disciplina profissional no âmbito da instituição (que provavelmente se refletirá no exercício diário da profissão futura do sacerdote), que, amplificada, pode ser também observada, conforme pode ser visto na seleção lexical do fragmento discursivo (007), em uma prática gestonária que vigia e, pior, interpreta as ações e comportamentos dos atores. Esse controle parece estender-se, também, ao corpo do futuro padre. A obesidade, talvez aqui compreendida como fruto do pecado da gula, passa a ser combatida e justificada pelo discurso da necessidade de uma saúde física para o exercício da profissão. Nota-se, aqui, o destaque de que a profissão teria, também, uma dimensão de natureza física (além da cognitiva, emocional e relacional).

(006) [...] você tem horário para se levantar, horário do café da manhã, horário da faculdade, horário do almoço, horário do descanso, horário de trabalho, né, limpeza da casa, tem os momentos das terapias [...], tem o momento do psicólogo que acompanha, tem o esporte, o lazer, então é bem acompanhado, e [...] nos dias de hoje, até a questão da alimentação acaba sendo balanceada [...] até por questão da obesidade, então hoje eles presam muito a saúde física também daquele que vai ser padre, [...] *se você não está bem fisicamente como que você vai conseguir conduzir uma comunidade, trabalho pastoral que exige [...] também dessa parte física.* (Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

(007) [...] *porque é um lugar que nós somos muito observados o tempo inteiro, às vezes interpretados e essa interpretação acontece de uma maneira errada e às vezes a gente não tem a oportunidade de mostrar de fato o que é, então, a gente é analisado pelas impressões que tem da gente às vezes só de olhar,* então eu considero isso como uma grande dificuldade [...] (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

Quanto às principais dificuldades encontradas pelos entrevistados no âmbito do seminário, a que mais se destaca nas entrevistas diz respeito à temática da convivência

(com o outro). É sintomático, assim, a referência ao espaço do seminário, por parte do sujeito-enunciador do fragmento discursivo (008), como sendo a figura implícita do inferno em contraposição ao céu. O sujeito-enunciador ainda faz uso da refração ao dizer que esperar-se-ia, naquele espaço, indivíduos com traços morais de personalidade ("anjos"). Mas, na verdade, como o próprio constata, o local apresenta-se, claramente, como uma mundanidade que, de certa forma, surpreende até mesmo o entrevistado.

(008) *O convívio [...] eu considero o seguinte, são todos seres humanos, eu acho que isso me preocupou um pouco, [...] eu cheguei a ir com uma ideia errada dentro de mim, pensando que eu estava indo [...] pra um céu, e não, acho que encontrei até o oposto disso, mas só o tempo, a maturidade me fez entender que, se eu que estava indo pra lá não era esse anjo, por que eu esperava encontrar anjos lá? Então, eu custei aprender isso e fazer com que isso não me afetasse tanto, mas são pessoas e no meio de muitas pessoas você encontra pessoas que têm desvio de caráter, de tudo, né, então tem maldade, [...] mas que não era o obstáculo para que a gente pudesse estar ali. (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).*

Conviver nesse espaço "mundano" é metaforicamente apontado, pelo sujeito-enunciador do fragmento discursivo (009), como sendo uma provação. O entrevistado aproxima, assim, sua formação e a convivência no âmbito do seminário a um processo de humilhação e dificuldade, que possui, pelo menos no discurso do futuro sacerdote, aproximações com a vida experienciada pelos santos católicos (em suas provações, é claro). É interessante notar, neste sentido, que, na visão do sujeito-enunciador, o modelo ético-moral a ser seguido (inclusive no seminário) é, fundamentalmente, o dos santos católicos. Está implícito, ainda, que essa diversidade de "provações", traduzida em humilhações, dificuldades e controle, entre outras, deveria ser, antes de tudo, aceita pelo futuro sacerdote como um processo "natural" de sua formação.

Esse cenário de dificuldades parece ter implicações diretas na quantidade de candidatos a padre que efetivamente se ordenam. De acordo com o fragmento (010), somente cerca de 10% dos que entrariam no seminário tornar-se-iam, efetivamente, padres.

(009) *[...] não foi fácil [...] foi muita provação [...] tem as dificuldades que você encontra no processo formativo, que é a convivência [...] com as pessoas, né, você tem que respeitar o mundo, tem que se humilhar para você mesmo, né, tudo isso faz parte [...] Atentado também pra saber se é realmente isso e foi com os santos que foram assim também [...]* (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

(010) *[...] durante o período, muitos vão saindo também [do seminário], a gente sabe hoje que 10% chegam até o final, então cada 10 que hoje entram no convento seminário, 1 vai se ordenar [...]* (Entrevistado 05, entrevista pessoal, 2019).

Findado o processo de formação do padre e a sua eventual ordenação, o mesmo passa a ocupar uma das paróquias sob a supervisão de uma diocese. Normalmente, tal processo se dá por meio de uma ordem direta do próprio bispo ou, até mesmo, por indicação de padres anteriores que já haviam ocupado tal paróquia.

É interessante notar, neste ponto, que a representação que o já padre tem acerca da sua própria profissão é a de ser um instrumento da ação divina. Tal realidade pode ser observada na seleção lexical do fragmento discursivo (011). Nesse trecho, o sujeito-enunciador parece colocar-se como um elo de ligação entre o divino ("Cristo") e o mundano ("o padre é instrumento da ação de Cristo"). Ainda nessa perspectiva (pelo

menos, na representação do padre), o divino parece utilizar-se do corpo e da mente do sacerdote como um instrumento de transformação na vida do indivíduo que procura ajuda. Assim, especialmente em momentos ritualísticos (como a missa, por exemplo), o padre afirma vivenciar o divino transformando não tão somente suas ações (fragmento (012), mas, também, seu corpo como elementos do sagrado.

(011) *Deus [...] usa da gente para ser na vida do outro [...] é uma experiência de Deus, uma experiência divina [...] Deus que age de um jeito ali, tanto é que o padre quando ele está celebrando missa, é o próprio Cristo [...] nele, o padre é instrumento da ação de Cristo [...]* (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

(012) *eu tenho que dar o exemplo, eu tô na pessoa do Cristo, né. [...] quando o padre tá fazendo [...] a atividade como a consagração ele não tá ali, eu estou na pessoa do Cristo, em *persona Cristie*, poder ser o Cristo na vida de alguém, mesmo que em poucos minutos, é o que me torna sagrado, as minhas mãos ficam sagradas e a minha possibilidade de trazer o Cristo na eucaristia pras pessoas.* (Entrevistado 03, entrevista pessoal, 2019).

Ser esse instrumento implica, conforme pode ser observado na seleção lexical do fragmento discursivo (012), assumir determinado *habitus*. É importante destacar, neste ponto, a afirmação de que, "ao estar na pessoa do Cristo", o padre precisaria, necessariamente, para o exercício de sua profissão, assumir um comportamento ético e moral.

No que tange ao exercício diário da profissão, podemos observar, por meio das entrevistas realizadas, que a atividade do sacerdócio imprime uma rotina composta de cuidados pessoais (café da manhã, almoço, entre outros), atendimento ao público em geral ou a instituições (visita a hospitais e a doentes, por exemplo), realização de cerimônias ritualísticas (missas, por exemplo) e, por fim, de gestão burocrática da própria paróquia (fragmento discursivo [013]). Neste último ponto, é interessante destacar a fala do sujeito-enunciador do fragmento discursivo (014), que associa, explicitamente, a figura do padre à de um gerente e, ao mesmo tempo, a da Igreja a uma empresa. Essa discussão vai em direção à realidade apresentada por Bourdieu (2010), que caracteriza o campo religioso como sendo um locus de disputa das diversas denominações pelo atendimento as demandas do laicato. Neste sentido, as diversas denominações assumiriam um caráter quase empresarial ("economia da oferenda") tendo em vista a necessidade de "competirem" não tão somente na esfera econômica mas, também, na esfera simbólica.

(013) *[...] o leque é grande, socorre uma realidade aqui, outra realidade ali, então nosso trabalho é justamente este, de ser um instrumento de Deus em todas essas situações [...]* (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

(014) *[...] só pra você entender, o padre é como se fosse o gerente [...] Como se fosse uma empresa, ele é o gerente da empresa [...] Ele já decide tudo [...]*. (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

Derivado, também, dessa constatação, pode-se notar que o exercício da atividade sacerdotal não está, de maneira alguma, restrito ao espaço da igreja. A variedade de atribuições parece fazer com que o sacerdote necessite transitar por uma diversidade de espaços sociais: (a) própria casa; (b) casa de um idoso ou enfermo; (c) orfanatos, casas de repouso, presídios; (d) entre outros.

(015) O trabalho do padre [...] não é só aqui dentro do escritório, atender função espiritual, atender o público, celebrar missa, dar palestra nesse espaço, mas é da unção nos enfermos, é ir na zona rural celebrar uma eucaristia naquelas comunidades que não têm igreja, um templo fixo, dar uma bênção numa casa, numa família [...] uma bênção num automóvel, é ir aos hospitais, é tentar participar da vida da sociedade, [...] então isso tudo é função também do padre [...]. (Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

Essa rotina árdua parece ter implicações nas representações que os sacerdotes têm acerca de sua própria atividade. Conforme pode ser observado pelo fragmento discursivo (016), um dos principais desafios inerentes à profissão é, exatamente, o de lidar com o outro. Essa humanidade do próximo, repleta de problemas e angústias, parece demandar, do sacerdote, um amplo leque de competências e habilidades que perpassam não somente a espiritualidade e a fé, mas, também, uma formação mais técnica (caso da psicologia). Nota-se, ainda, na seleção lexical do mesmo fragmento, uma faceta da atividade que parece buscar uma transformação das mazelas individuais e, porque não dizer, das mazelas sociais. Ainda no caso específico desse fragmento, observamos a utilização, por parte do sujeito-enunciador, de figuras como "lixo" e "chiqueiro" para metaforizar uma realidade miserável da condição humana daquele indivíduo que o sacerdote busca auxiliar.

(016) [...] a mais [...] desafiadora [...] é trabalhar com o ser humano [...] *o trabalho nosso de padre é justamente ser o instrumento da ação de Deus diante de tantas mazelas humanas, de tantas misérias humanas. [...] Você se depara com certos tipos de pessoas que vem ao seu encontro, que a pessoa está literalmente no chão, no lixo, no chiqueiro, e em Deus o padre tem que fazer aquele trabalho de dar àquela pessoa uma dignidade de gente humana, de ser humano [...]* (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

Uma outra dificuldade, de alguma forma já apontada acima, diz respeito ao lidar com o dinheiro ou, pelo menos, com a gestão econômica destes valores. Tal incômodo poderia estar relacionado, de alguma maneira, com a própria representação que a igreja católica tem acerca do dinheiro (de uma maneira geral) e do lucro (de uma maneira particular). Esse incômodo aparece, portanto, na fala do fragmento (017). Nela, o sujeito-enunciador demonstra não saber lidar bem com a gestão financeira relacionada à sua atividade. Uma outra hipótese plausível aqui diz respeito ao fato de que seria exatamente nessa dimensão (econômica) que a sacralidade e a profanidade encontram-se juntas. Por assim dizer, o mundo religioso deveria ser, na perspectiva de seus sacerdotes, "deseconomizado", afastando, consideravelmente, dois campos com lógicas de funcionamento totalmente diferentes (o econômico e o religioso). O lidar com a gestão também, de alguma maneira, poderia gerar tal incômodo na medida em que, ao assumirem seus papéis organizacionais, os sacerdotes estariam se aproximando de um outro "sacerdócio", qual seja, o do capital.

(017) [...] se for olhar pela parte mais difícil [...] eu vejo também que é a questão organizacional, que é o financeiro, que é lidar com questões econômicas, ce tem que é administrar, fazer entrar dinheiro [...] (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

Convém destacar que a profissão parece ter, a princípio, um outro elemento contraditório. Embora grande parte do trabalho se dê no coletivo, a solidão do "domingo

à noite" parece ser um fator gerador de sofrimento e angústia por parte do padre. Lidar com esse sofrimento (próprio e do outro) faria parte, inclusive, de sua rotina de trabalho. Embora não seja objetivo específico deste estudo, cabe-nos um breve apontamento, aqui, acerca não somente das patologias mentais nas quais o sacerdote pode incorrer (depressão, síndrome do pânico, etc.), bem como do trabalho emocional que os mesmos parecem desenvolver no exercício de sua atividade. Tais elementos, como apontado na seleção lexical do fragmento discursivo (019), exigiriam do sacerdote uma preparação não somente no âmbito de sua formação educacional, mas, também, uma adquirida em uma dura práxis.

(018) [...] dizia um padre amigo meu "o dia mais difícil para um padre é o domingo à noite" porque domingo durante o dia você está envolvido, cheio de gente [...]
(Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

(019) [...] então, essa parte de lidar com as pessoas, com o sofrimento, é a parte muito mais exigente, *se o padre não tiver uma preparação, ele pode se envolver com o sofrimento do próximo*. (Entrevistado 05, entrevista pessoal, 2019).

(020) [...] a parte emocional [...] aqueles casos [...] não só dramáticos, mas aqueles casos que causam comoção na população, esses são mais difíceis [...] (Entrevistado 03, entrevista pessoal, 2019).

Assim, não é estranho, portanto, afirmar que uma parte dos entrevistados tenha considerado sua jornada de trabalho mentalmente cansativa. Neste ponto, é importante destacar, ainda, a fala do entrevistado contida no fragmento discursivo (022), de que o lidar com a rotina e com o hábito exigiriam um cuidado de natureza espiritual. Denota-se, assim, e inspirado em Eliade (2008), a ideia de que a rotina, na percepção do sujeito-enunciador, configurar-se-ia como uma temporalidade de natureza mundana em contraposição àquela sagrada.

(021) [...] eu considero uma jornada, assim, muito cansativa no sentido, assim, não é de cansaço físico [...] mas mental, eu tenho um desgaste extremamente grande [...]
(Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

(022) [...] você tem que tomar muito cuidado espiritualmente para aquilo não virar hábito e cair na rotina [...] (Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

A padronização do trabalho do padre é, aliás, uma realidade apresentada por todos os entrevistados. Assim, grande parte da atividade litúrgica vem, por exemplo, previamente elaborada por instâncias superiores da Igreja e não pode ser mudada pelo padre local. É interessante notar, neste ponto, as seleções lexicais dos fragmentos discursivos (023), (024), (025) e (026). No fragmento (023), o sujeito-enunciador explicita, claramente, uma pré-elaboração de qualquer material ou *modus operandi* do sacerdote. Essa padronização, que parece ser realizada de forma global, implica, a nosso ver, uma ausência de liberdade ou, até mesmo, de certa autonomia para o exercício da profissão do sacerdote. Não haveria, portanto, espaço para qualquer tipo de criação ou elaboração por parte do padre. Ao contrário, haveria uma pura e simples "reprodução" do discurso religioso central em direção a suas "subsidiárias", que nega, portanto, qualquer tipo de individualidade. É importante destacar, ainda, por fim, o caráter conservador/autoritário

dessa estratégia de competição no mercado de bens simbólicos religiosos. Embora não seja objeto deste estudo, em especial, mas, convém destacar que tal estratégia difere, consideravelmente, por exemplo, das de denominações religiosas neopentecostais brasileiras, que têm, em sua base, o atendimento a demandas individuais e, conseqüentemente, a adaptação do discurso religioso (ex: sermões) de acordo com cada necessidade.

(023) [...] nos diversos tempos litúrgicos da vida na Igreja, [...] tempo da Quaresma, [...] tempo de Natal, cada tempo tem a palavra, então a Igreja tem tudo pronto para isso, então já está tudo elaborado, a Igreja que organiza isso [...] (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

(024) [...] a nossa Igreja, ela é tão organizada que se você for à missa aqui no Brasil e em qualquer lugar do mundo, todos vão escutar a mesma coisa. (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

(025) Então, a gente já tem todo o cronograma, todo um rito a ser seguido [...] você não pode criar coisas na missa, a liturgia [...] não aceita [...] você tem que obedecer, né. (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

(026) [...] depois de ordenado, a minha opinião tem que ser a opinião da Igreja, eu não posso ter outra opinião. (Entrevistado 03, entrevista pessoal, 2019).

Um outro elemento importante apresentado pelos entrevistados diz respeito ao fato de que a profissão do sacerdócio exigiria uma necessidade de atender, prontamente, às demandas do laicato (fragmento [027]). Tal realidade, fruto de uma ritmo social veloz (típico do contemporâneo), poderia ser, de alguma forma, complementada pela constatação de que a grande maioria dos entrevistados utiliza-se de redes sociais para o pleno exercício de seu trabalho (fragmentos [028] e [029]). Embora não seja objeto deste estudo, convém, também, destacar que a exposição do sacerdote em redes sociais como Whatsapp e Facebook podem acarretar, conforme pode ser visto no fragmento (030), uma série de situações constrangedoras e, por que não dizer, uma superexposição do indivíduo.

(027) [...] é óbvio que nem sempre eu consigo atender todas as pessoas que me procuram e sobretudo porque, muitas vezes, as pessoas [...] procuram naquele ar assim de “tem que ser agora”. (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

(028) [...] a gente [o padre] tem as redes sociais né [...] WhatsApp, Instagram, Facebook. (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

(029) Hoje, na minha paróquia, eu uso muito é o Whatsapp [...] mandar uma mensagem, às vezes uma reflexão, textos sagrados, então [...] eu uso muito sim, meios de comunicação, tanto quanto Whatsapp, Facebook. (Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

(030) Sim [passei por situações constrangedoras], de [...] gravarem o que eu tava falando, me colocarem nas redes sociais, dando a própria interpretação daquilo que eu falei [...] foram acho que duas ou três vezes já. (Entrevistado 03, entrevista pessoal, 2019).

Embora não seja uma profissão frontalmente de risco, o padre, ao desenvolver suas atividades no dia-a-dia (até por transitar por diversos espaços e ter contato com vários indivíduos), pode passar por situações um tanto quanto perigosas e delicadas. São os

casos, por exemplo, apontados nos fragmentos (031), (032) e (033). De acordo com esses fragmentos, a profissão tem sido alvo, contemporaneamente, de perseguições, de ameaças, de violências de natureza física, de assaltos, de difamação e de julgamentos que, inclusive, podem gerar um certo sentimento de insegurança no cargo (fragmento [033]), além de situações de assédio sexual (fragmento [034]).

(031) Em nossos tempos, traz e muito [riscos], primeiro porque padre e Igreja católica têm sido muito alvo de perseguição, a gente tem apanhado [...] agora recentemente a gente tem acompanhado por exemplo, padres que têm sido alvo de ataques violentos dentro da igreja, né? Padre que tem sido esfaqueado dentro da igreja, padre que tem sido ameaçado, então a gente corre esse risco [...] (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

(032) [...] já teve muitos casos de padres que foram assaltados, que até judiaram deles. [...] é um risco um tanto. [...] ou, então, até na questão de difamação [...], de julgamentos, de coisas que talvez a gente não deve, e as pessoas espalham e isso acaba correndo um risco não só de vida, mas um risco moral [...]. (Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

(033) [...] se hoje por alguma falha minha, algum erro que eu tiver de conduta, de moral, alguma coisa assim e eu for penalizado por isso, se amanhã eles falarem assim “[...] padre [...], a partir de amanhã o senhor não é padre mais” eu simplesmente perdi todo esse tempo, dos meus 19 anos até hoje nos meus 35 são jogados no lixo, porque eu não tenho um seguro-desemprego, eu não tenho nada [...]. (Entrevistado 02, entrevista pessoal, 2019).

(034) [...] no momento do atendimento de uma pessoa [...] ela vem e comunica na secretaria que ela quer conversar com o padre, [...] quer confissão, ou uma orientação, [...], mas aí a pessoa [...] vem [...] com o objetivo de seduzir o padre [...] (Entrevistado 01, entrevista pessoal, 2019).

Por fim, cabe-nos apontar a representação da sacralidade da profissão na perspectiva dos entrevistados (fragmentos [035], [036] e [037]). De acordo com a totalidade dos entrevistados, há um consenso em relação à ideia de que a atividade sacerdotal é, eminente, sagrada e profundamente vocacionada. Assim, conforme pode ser visto na seleção lexical do fragmento discursivo (036), o sacerdócio, pelo menos no âmbito do discurso do entrevistado, não pode ser compreendido enquanto uma profissão e, sim, como uma vocação.

(035) [...] padre é sagrado, né [...] a atividade do padre é sagrada. [...] é algo que vem do alto mesmo. (Entrevistado 04, entrevista pessoal, 2019).

(036) [...] o padre, ele não é [...] uma profissão [...] é uma vocação, mas aí se eu começo a mecanizar eu vou, trabalho no horário, bato o cartão, volto, celebro, volto e não tive aquele amor por aquilo, aí sim, aí eu me torno um funcionário do sagrado, e eu não posso ser funcionário do sagrado, eu represento o sagrado. (Entrevistado 03, entrevista pessoal, 2019).

(037) Sim [é uma atividade sagrada], uma porque [...] somos filhos prediletos de Maria, e outra porque é um chamado, e outra porque é uma resposta que nós tivemos a esse chamado, e outra porque somos ungidos, somos consagrados, não significa que somos melhores que os outros leigos, mas é um sacramento específico que é o sacramento da ordem [...] (Entrevistado 06, entrevista pessoal, 2019).

A rotinização da atividade, criadora, talvez, de uma certa temporalidade profana, transformaria o padre, em essência, em um "funcionário do sagrado". Leia-se, neste

sentido, um mero executor de uma série de regulamentos, normas e prescrições de uma instância superior (Igreja) sem qualquer tipo de sacralidade. O que parece diferenciar o caráter sagrado da atividade é, exatamente, a concepção do "eleito", ou seja, de que esses indivíduos foram escolhidos pelo divino para poder atuar em seu nome. São, assim, "os prediletos de Maria", "os chamados", "os santos".

Conclusão

Este artigo teve como objetivo principal compreender a natureza do trabalho religioso de padres católicos de uma cidade do interior de Minas Gerais. Buscou-se, assim, por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa, lançar um olhar para uma atividade laboral que é parcamente estudada em nossa literatura.

Pôde-se observar, a partir dos dados analisados, que a atividade laboral do padre nasce, na concepção dos mesmos, a partir de uma chamado vocacional que é trabalhado, ao longo do tempo, em uma formação pautada em cinco eixos principais: acadêmico, intelectual, espiritual, humano-afetivo e comunitário.

No que tange à atividade em si, observamos uma rotina árdua/cansativa que é previamente estabelecida por instâncias superiores da Igreja, não deixando qualquer tipo de margem de liberdade/autonomia para o sacerdote. Embora não seja uma profissão perigosa/insalubre, parece haver um consenso na medida em que os padres podem sofrer uma série de danos de natureza física e/ou mental. Por fim, no que diz respeito à representação da natureza sagrada da atividade, vemos que a mesma é consenso entre os entrevistados.

No que diz respeito às limitações deste estudo, apontamos o fato de que o mesmo foi realizado com um pequeno número de sujeitos de pesquisa em uma cidade do interior de Minas Gerais (um Estado predominantemente católico).

Neste sentido, seriam interessantes estudos que abordassem outras realidades locais, bem como denominações religiosas de outras naturezas.

Por fim, agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio concedido na realização deste trabalho.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus Editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Sociologie de l'Algérie. Paris: PUF, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Petrópolis: Vozes, 2019.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CATANI, Afrânio Mendes et al. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GRUN, Roberto. Trabalho. In: CATANI, Afrânio Mendes et al (Orgs.). Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pp 107-109.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2010. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>>. Acesso em: 21 set. 2020.

JOURDAIN, Anne; NOULIN, Sidonie. A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos. Belo Horizonte: Vozes, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXERA, Faustino (Org.). Sociologia da religião: enfoques teóricos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, pp. 177-197.

SANCHIS, Pierre. Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes. Belo Horizonte: Vozes, 2018.

Editora responsável: Fábio L. Stern

Recebido: 9 nov. 2022

Aprovado: 20 jul. 2023